

CONJUNTURA *Economia Brasil*

Para Delfim Netto, o real apreciado é fruto de especulação

CRISTINA BORGES GUIMARÃES
SÃO PAULO

A valorização do real resulta não só do superávit comercial e em transações correntes, mas principalmente de uma especulação de juros feita na BM&F com contratos a termos de câmbio. A avaliação é do economista e ex-ministro da Fazenda, Antonio Delfim Netto, ontem, em São Paulo, em palestra a executivos da área de seguros.

“Quando você compra reais, há valorização. Por isso foi possível o Tesouro brasileiro vender no mês passado R\$ 3,4 bilhões, em Nova York, em troca de US\$ 1,5 bilhão. Graças ao diferencial de juros interno e externo, transformamos o real na commodity mais rentável do mundo em 2005. Isso explica boa parte da valorização e é por isso que essa valorização não termina antes desse diferencial diminuir.”

Entretanto, o economista ainda considera uma incógnita a trajetória da Selic e, mesmo havendo consenso em relação às prováveis altas da taxa de juros norte-americana, ainda é incerto o fim dos estímulos às especulações e conseqüentemente do período de apreciação do real.

“Estamos correndo o risco de repetir mais uma vez o mesmo erro: o congelamento do câmbio que acaba produzindo déficits em transações correntes”, afirmou Delfim Netto se referindo aos congelamentos de câmbio observados ao longo dos planos de estabilização Cruzado, Collor e FHC, que desarticularam os exportadores brasileiros segundo ele que considera a recente valorização do real o grande risco para a economia brasileira.

Além disso, Delfim Netto disse que o crescimento das exportações brasileiras não é definitivo pois resulta da conjuntura internacional favorável associada à atual política cambial, que até o momento eram bastante razoáveis. “Não são as exportações que produzem crescimento. Elas apenas permitem ao país se apropriar dos benefícios do crescimento da tecnologia no mundo. Uma sandália havaiana pode comprar o mais sofisticado equipamento médico existente no mundo. A relação importação-cre-

scimento é que enriquece, pois indica que o país está adquirindo tecnologia”, disse.

O economista apontou a dívida líquida do setor público e



Delfim Netto

a carga tributária elevadas como outros dois pontos a serem combatidos a fim de promover o crescimento econômico. “Não há nenhuma solução senão cortar o governo”, brincou Delfim Netto ponderando que produzir superávit primário é a única forma de “reengolir” a dívida. Segundo ele, mantendo-se um superávit primário de cerca de 5% do PIB em dois anos o governo acaba com o déficit nominal. “O setor privado tem que ter o espírito de promover o desenvolvimento enquanto o setor público tem que permitir que este espírito se manifeste”, afirmou.

Delfim Netto, realizou ontem palestra de abertura da III Conseguro, em São Paulo, com o tema “Desafios da Economia Brasileira”.